

## Entrevista // Flávio Botelho, cineasta

### Qual a sua experiência com o tema do suicídio?

Eu perdi uma irmã que se suicidou em 2007. Ela teve uma forte depressão no pós-parto. Ela parou de amamentar e começou com acompanhamento médico de um psiquiatra, além do suporte da psicóloga. Quando ela começou a melhorar da depressão, quando começou a reagir, ela se suicidou. Foi uma tragédia imensa para toda a família, principalmente porque a família estava naquela euforia que era o nascimento da primeira neta, a primeira sobrinha, para uma tristeza muito profunda de despedida da Paula.

### Qual foi a reação dos familiares?

A gente ficou tentando processar essa tragédia por muito tempo. Eu fiquei muito próximo dos meus pais, a gente recebeu muito

acolhimento da família, amor de muita gente e, nesse meio tempo, também ouvimos muita coisa, inclusive, que a gente ficaria estigmatizado, que não se poderia falar no assunto, pelo fato do tema ser tabu. Foi muito duro ouvir isso naquele momento, quando a gente ainda estava tentando entender tudo aquilo, cheio de porquês na cabeça, cheio de questões, sentindo as mais diferentes coisas. Mas meu pai, ao invés de ficar no silêncio, fez um movimento que eu acho muito legítimo, muito bonito, ele escreveu um livro chamado *Prematura*. E, depois de sete anos que a minha irmã morreu, eu também fiquei com vontade de falar sobre o assunto. O tema se tornou pungente, urgente e necessário dentro de mim e o cinema, como minha forma de me expressar, foi meu caminho natural. E fui pelo caminho da ficção.

Pandora Filmes/Divulgação



### Que confiança depositou nos atores e em que corresponderam?

Desde o início, queria ensaiar, achava que a aproximação com os atores, a construção dessa gênese dos personagens e o mergulho no tema seria importante. O nome da Denise Weinberg apareceu algumas vezes, até que marcamos um café. Ela leu o roteiro e topou na hora entrar no projeto. E naturalmente o nome do Cacá Amaral surgiu na sequência para fazer o Carlos. Eles são parceiros de longa data e têm muita química juntos.

Ensaíamos por três meses e foi transformador. Discutimos sobre as cenas, sobre a narrativa, alteramos diálogo, mexemos em sequências e trouxemos memória para o corpo, para trazer camadas sobrepostas na interpretação. E todo esse trabalho refletiu no resultado. Tem uma complexidade de sentimentos dos atores em cena que trás uma imensa credibilidade para Francisca e Carlos.

### Quais são os diretores que admira?

Gosto bastante do cinema do chileno Sebastián Lelio, especialmente, sua obra *Glória* e a forma como conduz a narrativa, cheio de elipses temporais e o retrato sem julgamento de personagens que costumam passar despercebidos no cinema. Também admiro muito o cinema de Michael Haneke. Ele costuma explorar realidades duras, e *Amor* é um grande filme nesse sentido.

## Crítica // Crônicas do Irã ★★★

### Amontoado de impasses

Da precariedade de um filme rodado em uma semana, os diretores Ali Asgari e Alievezha Khataimi conseguem, numa fita esquemática, denunciar opressão e abusos com um discurso forte o suficiente para colocá-los na seleção do segmento *Um Certo Olhar* do Festival de Cannes.

Valores iraniano-islâmicos, registros de elementos “impuros”, burocracia e irregularidades sociais atravessam a tela, num filme em que até mesmo os diretores se arvoram a serem atores.

As situações se avolumam

em torno dos personagens múltiplos. Uma senhora teria tido o cachorro confiscado por policiais, outra jovem contesta ser a motorista de carro sujeita à multa por infração e o pai do bebê Davi se vê desautorizado a dar nome em nada iraniano ao pequeno filho.

De teor irônico, muitas das cenas escancaram bizarrices e afrontas à individualidade. Pesam seculares preceitos, a negativa a qualquer traço progressista e até mesmo a mutilação de obras de artes, além do descrédito a quem ostente tatuagens pelo corpo (um homem é claramente discriminado), além de o filme abraçar descabido machismo. (RD)

## Crítica // Os estranhos — Capítulo I ★★★

### Nada de sólido

Teatral e armada, uma das criminosas do filme do diretor finlandês Renny Harlin (lembrado por *Do fundo do mar*, de 1999), tal qual os comparsas usa máscara e realiza uma performance, em uma floresta, em que os protagonistas (e namorados) Maya (Madelaine Petsch) e Ryan (Froy Gutierrez) se encontram abandonados. Tudo conspira para o terror, quando ambos ficam ilhados, sem carro (posto para consertar, com o sintonista Rudy, papel de Ben Cartwright).

Na pequena Venus, com

menos de 500 habitantes, a polícia parece alheia à montoeira de incidentes acobertados por raros tipos que intimidam (ao cubo) os forasteiros. São muitas as batidas na porta da cabana em que o casal se hospeda, e que parece um ímã para atrair clichês: há cortes de energia, explosões e ferimentos inesperados. Na aparente casa aconchegante, Ryan e Maya são sempre, misteriosamente, observados. E a falta de explicação é formalizada, no roteiro que continua sem nada explicar e pouco expressar. Prolonga-se, no capítulo inicial, a origem de personagens medonhos que seguem sem pistas do motivo de suas maldades. (RD)